D'Os *mistérios de Paris* aos mistérios no Prata: tradução, imitação e invenção

From *The mysteries in Paris* to the mysteries in Prata: translation,
imitation and invention

NELSON SCHAPOCHNIK¹

RESUMO: Este trabalho, ensaístico, explora a recepção do romance *Os mistérios de Paris* entre os letrados austrais e discute como o estabelecimento de redes de distribuição de jornais, revistas e livros contribuiu para conferir uma centralidade cultural à França e enraizar a francofonia e o prestígio da literatura francesa entre os membros das elites latino-americanas. Nesse caso, a francofonia passou a ser mais um elemento de distinção social, agregando aos portadores desse saber um inequívoco poder simbólico. As listas de remessas de livros indicavam um processo de laicização da cultura, com a ascensão de um multifário conjunto de classes bibliográficas, incluindo aí as belas-letas, as ciências e a história. Assim discutimos como a tradução e a imitação contribuíram para forjar a inserção de candidatos à carreira de escritores.

PALAVRAS-CHAVE: *Os mistérios de Paris*; recepção; tradução; imitação.

ABSTRACT: This paper explores the reception of the novel *The mysteries of Paris* among the Austral scholars and discusses how the establishment of distribution networks of journals, magazines and books contributed to give a cultural centrality to France and to root Francophonie and the prestige of French literature among the members of the Latin American elites. In this case, Francophonie became another element of social distinction,

1. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

adding to the holders of this knowledge an unequivocal symbolic power. The lists of book remittances indicate a process of secularization of culture, with the rise of a multifarious set of bibliographical references, including fine-arts, science, and history. This article argues that translation and imitation have contributed to forging candidates for the career of writers.

KEYWORDS: *The mysteries of Paris*; reception; translation; imitation.

Um olhar mais apurado sobre o comércio transatlântico de impressos nas primeiras décadas do século XIX é capaz de revelar que, após o processo de emancipação política das antigas colônias da América hispânica, a presença de jornais, revistas e livros não só cresceu como também foi acompanhada pela transferência de mediadores responsáveis pela instalação de livrarias, de gabinetes de leitura, de tipografias e encadernadoras, além de representantes de editoras europeias na região do Rio da Prata (FURLONG CARDIFF, 1953; PARADA, 2007).

A produção de jornais, revistas e livros foi beneficiária das novas tecnologias introduzidas pela prensa a vapor, pela mecanização da produção do papel, repercutindo diretamente no barateamento do preço e no aumento do volume dessas mercadorias. Por sua vez, a distribuição foi favorecida pela expansão das linhas de veleiros e, posteriormente, das frotas de vapores que despendiam cerca de 30 a 40 dias para ligar os portos do Atlântico Norte com as capitais do Prata (BOSCQ, 2014).

Esse fluxo não só concorria para a ampliação do horizonte de expectativas dos letrados como também estreitava e permitia acompanhar com um pequeno intervalo a produção cultural europeia. Ao favorecer a leitura doméstica ou fomentar a emergência de novas bases institucionais de leitura sob a forma de clubes, gabinetes de leitura e círculos, a presença mais incisiva desse amplo espectro de artefatos textuais não só contribuiu para as novas experiências estéticas de seus leitores, como também reforçou ainda o projeto de uma prática sociocultural ancorada na escrita.

É possível inferir que até mesmo uma significativa massa de iletrados foi favorecida com a presença extensiva de impressos. Isso significa que, embora estivesse alijado de participar ativamente da operação da leitura, esse segmento partilhava do prazer do texto por meio da oitiva, durante as tertúlias (“veladas”) realizadas no espaço doméstico ou ainda por meio da leitura oralizada nas farmácias, nas barbearias, nas tabernas e em novos lugares de sociabilidade que emergiam nas duas margens do rio.

De particular interesse para os objetivos deste trabalho, importa considerar que o estabelecimento de redes de distribuição de jornais, revistas e livros contribuiu para conferir uma centralidade cultural à França e enraizar a francofonia e o prestígio da literatura francesa entre os membros das elites. Esse fenômeno reiterava e atualizava uma prática cultural designada por Ángel Rama de “diglosia”. De acordo com este crítico literário uruguaio, a priorização da escrita e da leitura na cidade letrada latino-americana, em oposição à tradição da oralidade oriunda das línguas indígenas e africanas empregadas pelo povo, conduziu ao processo de “utilização de dois códigos léxicos paralelos e distintos” por parte dos grupos dirigentes (RAMA, 1985, p.61). Nesse caso, a francofonia passava a ser mais um elemento de distinção social, agregando aos portadores desse saber um inequívoco poder simbólico.

Esse processo de estreitamento e conexão entre os dois lados do Atlântico, que Serge Gruzinsky denominou de “mundialização da cultura”, pode ser apreendido também sob um conjunto de evidências colhidas nos anúncios publicitários inseridos nas páginas de jornal e dos almanaques. As listas de remessas de livros indicavam um processo de laicização da cultura, com forte declínio do número de obras identificadas com o campo da teologia. Da mesma maneira, essas fontes revelam a hegemonia das obras editadas no vernáculo, seguidas de obras publicadas em francês e inglês, com uma regressão dos índices de entrada de livros em latim.

A ascensão de um multifário conjunto de classes bibliográficas, incluindo aí as belas-letas, as ciências e a história, parece denotar uma diversidade de usos dos impressos que poderiam ser reunidos sob a tríade informação, instrução e deleite.

Portanto, é a partir deste quadro mais amplo que pretendo explorar a recepção do romance *Os mistérios de Paris* nesta latitude e, posteriormente, a sua apropriação por letrados austrais.

RASTREANDO *OS MISTÉRIOS DE PARIS* NO PRATA

Se, como já foi exposto, o comércio transatlântico permitiu o estabelecimento de uma fina sintonia entre os produtos culturais produzidos na Europa e as práticas leitoras na região do Prata, resta examinar quais foram as formas de circulação e os modos de edição sob os quais o romance de Eugène Sue chegou às mãos dos leitores.

Uma primeira surpresa experimentada pelo pesquisador é que até o presente momento não foi possível encontrar edição alguma de *Os mistérios de Paris* nos rodapés dos jornais argentinos ou uruguaio. De certo, isso não anula a possibilidade

de alguns leitores terem mergulhado imaginariamente nos subterrâneos parisienses por meio da assinatura do *Journal des Débats*, periódico parisiense onde o romance foi originariamente publicado na forma de folhetim. Ao que tudo indica, um desses potenciais leitores foi Domingo Faustino Sarmiento, em que pese estar exilado em Santiago do Chile quando da publicação seriada do romance². Ademais, ainda parece plausível pensar que alguns leitores platenses também puderam acessar a narrativa de Eugène Sue por meio da imprensa periódica brasileira. Vale a pena recordar que *Os mistérios de Paris* foi traduzido para o português por Justiniano José da Rocha e publicado nas páginas do *Jornal do Commercio* (RJ), no período de 01 de setembro de 1844 a 20 de janeiro de 1845. Não parece possível descartar a hipótese de que esse jornal de grande circulação chegasse às cidades fronteiriças com a Argentina e Uruguai. Ademais, a navegação de cabotagem entre o porto brasileiro do Rio Grande, então capital da Província de São Pedro do Sul, e o estuário do Prata poderia ser eficaz para a disseminação dos exemplares do *Jornal do Commercio*, viabilizando assim o contato com o texto de Sue.³

Embora o acesso ao romance por meio do folhetim seja uma suposição plausível, talvez a forma livro possa ter recebido uma adesão maior entre os leitores das duas margens do Prata. No caso de Buenos Aires e de Montevideú, capitais que concentravam o grosso da população, verificava-se, já nos anos 20, a existência de uma rarefeita e, no entanto, diversa rede de estabelecimentos identificados com a difusão da cultura letrada, a saber: bibliotecas, livrarias e gabinetes de leitura.

Em que pese a existência de espaços formais identificados com o empréstimo, o comércio e o aluguel de impressos, seria um equívoco pensar nas livrarias como um espaço especializado na venda de livros. Não raro figuravam ao lado deles outras

2. Posteriormente, em correspondência dirigida a Antonio Aberastain, enviada de Paris e datada aos 4 de setembro de 1846, ele sublinhava as transformações na cidade e suas projeções da leitura do romance de Sue: "*Desde luego, si ve usted a mis amigas en Santiago, dígalas de mi parte que no está aquí en este momento Eugenio Sue; pero que me lo han mostrado al rengo Tortillard; ya está hombre, hecho y derecho, siempre cojo, y malo como siempre. Brazorojo se ha hecho honrado con su contacto con la policía, y la Rigoleta goza de una grande reputación en el baile Mabelle. ¡Otras pérdidas mayores aún tenemos que deplorar! No hay ya ni aquellas pocilgas y vericuetos donde los Misterios comienzan. Se ha abierto por medio de la Cité, una magnífica calle que atraviesa desde el Palacio de Justicia hasta la plaza de Nuestra Señora, iluminada a gas, y bordada de estas tiendas de París, envueltas en cristales como gasas transparentes, graciosas y coquetas como una novia. En vano preguntará usted dónde fueron los primeros puñetazos del Churriador con Rodolfo, dónde vendía sus fritangas la Pegriote, estas pobres gentes, ¡oh del lor! no saben nada*". (SARMIENTO, 2004, p.49-50).

3. Vale a pena recordar a existência de um gabinete de leitura na cidade do Rio Grande, cujo catálogo de 1854 registrava o tombamento de uma edição d'Os mistérios de Paris em cinco volumes, editada em português no Rio de Janeiro. (SCHAPOCHNIK, 2010, p. 610).

mercadorias de gênero variado: linhas para costura e tricô, tabaco e chá, artigos de papelaria etc. Da mesma forma, o comércio de livros também se fazia presente em lugares de venda ocasional como, por exemplo, armazéns, lojas, mercearias, litografias, tipografias e casas de leilão. Daí a necessidade de uma pesquisa minuciosa sobre os anúncios dessas casas comerciais, além das solicitações de leitores ávidos pelo romance, publicadas sob a forma de cartas e “à pedidos” nas seções dedicadas à publicidade inserida nas páginas dos periódicos.

Se no cenário urbano constatamos a presença de uma gama de intermediários que favoreciam o acesso aos livros, dentre eles *Os mistérios de Paris*, no vasto pampa a situação era bastante distinta. Marcado pelo isolamento e pela vida nas estâncias, o acesso às mercadorias dependia do deslocamento aos vilarejos nem sempre próximos, quando não da presença de mascates e vendedores ambulantes. Apesar de remeter a um fato ocorrido em 1908, o caso relatado pelo intelectual uruguaio Emilio Oribe sobre como se deu o seu contato com a obra de José Hernández, *Martín Fierro*, pode seguramente ser transplantado para um período anterior, sem risco de anacronismo. E assim explicar como alguns leitores das porções interiores do Uruguai e da Argentina puderam conhecer a narrativa do herói-providência Rodolfo, príncipe de Gerolstein. De acordo com suas reminiscências, enquanto descansava em um estabelecimento no semiagreste de Campo Largo:

Uma noite chegou ao galpão onde eu estava entre os peões, um turco vendendo mercadorias. Estes turcos eram comerciantes ambulantes que ofereciam tecidos, vestidos, bagatelas, sabonetes e perfumes. Mas vendiam alguns livros. Foi então que conheci o *Martín Fierro*, de Hernández. Comprei, por alguns centavos, os dois tomos; em uma edição com gravuras toscas, em papel ordinário, com capas azuis e formato grande, como de revista. (ORIBE, 1993, p. 21).⁴

Se até agora ofereci algumas inferências sobre a circulação do romance nessa região, resta-me apresentar alguns indícios mais concretos. Foi no acervo das atuais Bibliotecas Nacionais da Argentina e do Uruguai, originariamente bibliotecas públicas inauguradas, respectivamente, em 1812 e 1815, que consegui localizar alguns exemplares d’ *Os mistérios de Paris* potencialmente lidos pelos leitores oitocentistas. Convém sublinhar que essa modalidade de biblioteca se distinguiu tanto das

4. Para uma compreensão do papel deste mediador, veja: Mollier (2009).

bibliotecas conventuais, que, embora abertas ao público, prestavam-se ao decoro e à emulação da Igreja Católica, quanto das bibliotecas das instituições de ensino, que, tal qual o primeiro modelo de organização biblioteconômica, demonstrava pouco apreço pelo gênero romance e pela obra de Sue em particular. No entanto, os fundos dessas bibliotecas não foram formados apenas por aquisições oriundas de verbas públicas, mas também foram agraciados com doações de acervos privados e institucionais. Ambas as bibliotecas apresentam um repertório quase similar, constituído por três exemplares de *Os mistérios de Paris*, a saber: duas edições parisienses de Charles Gosselin (1843 e 1844) e uma edição proveniente de Bruxelas, da Société Belge de Librairie (1844). Trata-se de um repertório quantitativamente pequeno, mas que permite compreender um capítulo importante das batalhas do livro no século XIX: a pirataria editorial ou as práticas da contrafação que suscitaram aguerrida disputa pelos velhos e novos mercados.

Como é suficientemente conhecido, ainda durante a publicação do romance na forma de folhetim nas páginas do *Journal des Débats*, o editor francês Charles Gosselin, que já havia publicado diversos títulos de Sue, lançou sucessivas edições *para entrega* (“livraison”), revistas e corrigidas pelo autor. Diferentemente da edição francesa, que empregava formatos maiores (*in octavo*), a edição belga se adequava mais aos padrões de consumo dos novos leitores. De acordo com Jacques Hellemans, a situação era amplamente favorável aos editores belgas, que não se enxergavam como falsários, mas enquadravam o seu trabalho no “sistema de reimpressões”. “Eles apregoavam abertamente o seu furto, pois não buscavam imitar o formato, o papel ou os tipos da edição original” (HELLEMANS, 2011, p. 90).⁵ Esses artefatos produzidos pelos prelos belgas se caracterizavam pela ampliação da mancha tipográfica, com a diminuição do espaçamento e o emprego de tipos menores, compondo assim livros num só volume em formato pequeno, adequado, por exemplo, aos assinantes dos gabinetes de leitura. Essa engenhosa solução, aliada ao não reconhecimento do direito de propriedade, permitiu um incremento notável. A soma de todas essas variantes incidia diretamente no preço final do livro, cujo exemplar era vendido por três francos ou até menos, em vez do preço habitual do livro francês, que girava em torno de sete francos ou mais. Diante da ausência de qualquer forma de regulamentação da chamada “propriedade literária”, essa atividade não só prosperou como também contribuiu largamente para a difusão

5. Veja também: Lyons (1990).

da literatura francesa. Para o bem ou para o mal, *Os mistérios de Paris* também se enquadrou nessas disputas, e os acervos das bibliotecas bonaierense e montivediana espelham a atualização e a peleja travada pelos livreiros franceses e belgas pelos novos mercados.

De certo, a maior novidade para a história editorial d'*Os mistérios de Paris* foi a descoberta de uma edição uruguaia do romance depositada na Biblioteca Nacional da Argentina. Sem sombra de dúvidas, esse é um elemento distintivo que amplia nosso conhecimento sobre a edição em língua francesa produzida fora da França, como também a fortuna editorial do romance de Sue⁶. Convém agregar a informação de que a comunidade francesa radicada em Montevidéu no período de 1838–1852 era a mais numerosa na América do Sul, reunindo imigrantes do país Basco, de Béarn e de Bigorre, sendo estimada em cerca de dez mil imigrantes na capital e outros quatro mil estabelecidos no interior, no ano de 1842.

De acordo com as informações do catálogo, trata-se de uma edição datada de 1845, realizada em Montevidéu pelo *Patriote Français*, jornal “comercial, literário e político” publicado entre fevereiro de 1843 e dezembro de 1850 com periodicidade variada, oscilando entre as saídas diárias e as quinzenais. Esse jornal foi fundado por Auguste Dagrument e apoiou a Legião Francesa de Montevidéu, antes e durante o cerco da cidade ao longo da chamada Guerra Grande. Nesse sentido, a edição do romance de Sue no Uruguai seguia parâmetros semelhantes aos adotados pelos demais editores responsáveis pela publicação do romance em língua francesa fora da França. Tudo indica que a estratégia do *Patriote Français* foi tirar partido de um público cativo formado pela massa de imigrantes e, simultaneamente, proporcionar uma bonificação aos assinantes do jornal, estabelecendo uma espécie de fidelização como aquela empregada no Rio de Janeiro por Julius Villeneuve, editor do *Jornal do Commercio*.

APROPRIAÇÕES DO MODELO NARRATIVO

Para além das possibilidades de fruição e reflexão que o romance pode ter proporcionado para os leitores comuns da Europa e das Américas, a perquirição dos catálogos de bibliotecas permitiu vislumbrar modalidades mais complexas e

6. Ao longo desta investigação foram encontradas outras edições em francês do romance, porém editadas fora da França, como as produzidas em Bruxelas (Meline, Cans et Co./1842-44; Société Belge de Librairie/1843; Alphonse Lebègue et Sacré Fils/1843; Meline, Cans et Co./1845), Colônia (E.Welter/1843-44, 1850) e ainda em New York (Presse du New World/1844).

matizadas de recepção do romance de Eugène Sue. Naqueles casos onde a rigidez das rubricas empregadas para ordenar as classes do conhecimento deu lugar ao mero arrolamento das obras sob o padrão alfabético, vislumbrou-se a existência de vários romances que apelavam para a fórmula “Mistérios de ...”. Esta chave foi apropriada por alguns leitores que logo perceberam as potencialidades desse modelo narrativo para engendrar outros romances. Portanto, não parece equivocada afirmar que um efeito não previsto na leitura do romance de Sue foi despertar a inventividade de alguns homens e mulheres que se valeram desse modelo para testar a sua capacidade de se apresentarem como escritores. Mas não só. O vigor e o sucesso obtido com os *Mistérios* também foram perseguidos por outros tantos escritores já consagrados naquele momento na república das letras, tais como Alexandre Dumas, Xavier de Montépin, Camilo Castello Branco, Émile Zola, entre outros.

As razões para esses gestos que apelavam para a imitação e o empréstimo de modelos narrativos devem ter as mais diversas explicações, porém parecem reiterar a asserção fundamental de Felix Vodicka (1978, p.299), a propósito da história da repercussão das obras literárias, quando afirmava que “a obra literária, depois de publicada ou divulgada, torna-se propriedade do público, que a lê com a sensibilidade artística da época”.

Curiosamente, a primeira experiência de apropriação do romance de Sue que faz menção ao Rio da Prata foi divulgada na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um breve romance intitulado *Mistérios del Plata. Romance histórico contemporâneo*, publicado na forma de folhetim, no período de 01/01 a 04/07/1852, no *Jornal das Senhoras*.⁷ A autora do romance, Juana Paula Manso de Noronha, era também a redatora desse periódico, impresso na Tipografia Parisiense. De acordo com o anúncio publicitário: “Publica-se todos Domingos; o primeiro número de cada mês vai acompanhada de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances franceses em música, moldes e riscos bordados”. O que importa ressaltar é que Juana Manso vivia no Rio de Janeiro na condição de exilada política, opositora do caudilho Juan Manuel de Rosas, que governava a Argentina, solidária ao programa republicano e unitário defendido por Domingo Sarmiento e outros intelectuais como Echeverría, Mármol e Alberdi. De acordo com Graciela Batticuore (2005, p.135), “suas expectativas não

7. O periódico está acessível no site da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pasta=ano185&pesq=misterios del plata](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pasta=ano185&pesq=misterios%20del%20plata)>.

se concentram tanto em se destacar como *literata* [...] senão preencher o lugar da *publicista americana*, cuja tarefa principal é fomentar a ilustração da mulher e seu papel social em uma jovem nação”.

Diferentemente daquilo que poderia ser suposto em função do título empregado, o romance de Juana Manso guarda uma afinidade seletiva com *Os mistérios de Paris*. Neste caso, a apropriação é por uma via negativa, que frustra qualquer remissão à obra de Sue, tal qual ela esclarece no prólogo que reproduzo parcialmente abaixo:

Não foi por imitação servil aos *Mistérios de Paris* e aos de Londres que chamei a este romance de *Mistérios del Plata*. Chamei-o assim porque considero que as atrocidades de Rosas e os sofrimentos de suas vítimas serão um mistério para as gerações vindouras, apesar de tudo quanto contra ele se tem escrito. Mais poderosos que seus inimigos, seus escritores assalariados contrabalançam o brado dos contrários do tirano; e, outras vezes, esses mesmos escritos comprados pelos seus agentes são aniquilados.

Esse mesmo risco corremos nós, porém, que fazer? É necessário resolvermo-nos a tudo, além do que, se a nascente literatura da nossa América foi sempre buscar seus tipos na velha Europa, nunca teremos literatura americana, nem literatura nacional. (*Jornal das Senhoras*, 01/01/1852, p.1.).

O sentido atribuído aos “mistérios” configura uma perspectiva totalmente distinta daquela empregada pelo escritor francês. No romance de Sue valorizam-se diferentes níveis de intriga, empregam-se cortes e efeitos de suspensão do enredo, e o significado do mistério é exatamente desvelar as sucessivas mudanças de identidade dos personagens, sequestros, vinganças, castigos exemplares, mortes aparentes, filhos bastardos, que remetem às misérias das classes populares. Já a narrativa de Manso é pautada por dois imperativos: por um lado, pela questão da literatura fundacional e, por outro lado, pelo uso político e partidário do enredo. A advertência inicial que remete à recusa à “imitação servil” está articulada à tentativa de instituir uma literatura simultaneamente americana e nacional, o que implicaria no descarte do emprego de modelos europeus. Por sua vez, o mistério a ser revelado por meio da literatura é a realidade de seu país, onde o regime de Rosas e a causa federalista são identificados com o atraso e a barbárie. Portanto, a denúncia aqui funciona como um elogio ao programa político unitário, propagador dos valores da civilização e do progresso (PIERINI, 2002, p. 457-488).

Mas, se no caso de *Os mistérios del Plata* há uma denegação de qualquer empréstimo para a composição da trama, seria importante agregar a informação de que Juana Manso também foi a responsável pela adaptação da obra de Sue para os palcos brasileiros, tendo escrito o libreto da opereta *A família Morel*.

Diferentemente de *Os mistérios del Plata*, nas duas obras, *Os mistérios de Buenos Aires* e *Os mistérios del Cordón*, verifica-se a apropriação do modelo melodramático de características semelhantes ao romance de Sue. A primeira delas foi publicada por um imigrante francês, de nome Felisberto Péliissot, que lecionou no Liceu de Tucumán (Argentina). De acordo com as informações agregadas na folha de rosto do livro, *Os mistérios de Buenos Aires*, a obra publicada em 1856 fora “escrita em francês e traduzida para o castelhano por um colaborador de *La Tribuna*”, periódico bonairense. A edição consultada se apresenta em dois volumes de formato *in 12º*, composto em duas colunas. Já a segunda delas foi publicada por um português denominado A. Dias de Carvalho, em Montevideú, pela Imprenta Luso-Americana em 1881, na forma de uma pequena brochura feita em papel ordinário.

Contudo, se *Os mistérios de Buenos Aires* também se integra naquele fenômeno que Lelia Area (2006, p.217) denominou de “biblioteca facciosa da Nação”, isto é, do emprego da ficção para expor a estratégia dos unitários em sua organização do discurso pátrio, a publicação do folheto *Mistérios del Cordón* indicava outras intenções. O seu título menciona o nome de um bairro que naquele momento se situava nos limites da zona urbana e que passou a concentrar a nova onda de imigrantes a partir dos anos 1870. De acordo com Area, o texto era dedicado aos membros da colônia portuguesa e acrescentava-se que “o produto pecuniário desta obrinha será dedicado para publicar um periódico em português intitulado ‘O Portugal’, que será defensor dos interesses da colônia portuguesa no Rio da Prata”.

Como já foi adiantado, nas distintas narrativas encontramos a mesma matriz melodramática que se apoia em dois núcleos principais que frequentemente aparecem entrelaçados: reparação da injustiça e a busca da realização amorosa. Ao longo da trama, os personagens, construídos com base num exacerbado maniqueísmo, se batem até a suplantação dos infortúnios. Nesse sentido, o fio condutor da narrativa é a perseguição – móvel capaz de pôr em cena forças elementares como vingança, ambição, poder, amor e ódio. Entretanto, o alvo da perseguição é distinto. Os maus têm em mira a satisfação dos próprios desejos; os bons sublimam os impulsos, porque colocam interesses coletivos sobre aqueles particulares (HUPPES, 2000). Talvez, o emprego desse modelo também tivesse parecido positivo para os

escritores platenses, pois o restabelecimento do direito violado era acompanhado de uma mensagem moralizante.

Os mistérios de Buenos Aires narraram as desventuras de uma jovem viúva que deixou a Espanha na companhia de dois jovens filhos e da fortuna herdada com o suicídio do Duque Arturo de la Cruz del Monte-Valeriano, com a qual ela havia se casado. Ao desembarcar em Buenos Aires, sob o governo de Juan Manuel de Rosas, Helena é submetida a toda sorte de infortúnios, que incluem a separação de seus filhos. Os partidários de Rosas constituem os seres mais sanguinários e capazes de cometer as mais baixas vilanias. No final da trama, temos a redenção do Sr. Armando de Figueroa que, antes de suicidar-se, revela ser o pai de Helena, reintroduz os filhos apartados do convívio materno e restitui a verdadeira história de vida da personagem.

Não muito distinta é a trama de *Mistérios del Cordón*. O romance também tem como peça fundamental o tema da vingança e da restituição da verdade, apelando para cortes, avanços, retrocessos e peripécias rocambolescas. Mauricio Medicis é envolvido inocentemente em um assassinato cometido por um pistoleiro contratado por um fazendeiro, que o afastou do encontro com a sua amada. Depois de cumprir um longo período de prisão, ele consegue resgatar Elisa, enclausurada em um convento bonairense, e, após contrair matrimônio, passam a viver na propriedade familiar no Piemonte.

Independentemente do valor literário dessas obras, o que seguramente é difícil endossar, parece ser importante admitir que a estratégia de apropriação empregada por todos esses autores é uma resposta aos desafios de produzir romance em zonas não hegemônicas. Se, de acordo com Luckács (2000), a forma romance é a epopeia da burguesia, o que dizer dessas narrativas produzidas em meio a cenários urbanos tão distantes de um centro urbano como Paris?

Se, por um lado, a estratégia de apropriação foi um recurso empregado para legitimação de escritores que pretendiam alçar-se à condição de autores num sistema literário em formação, por outro lado, o uso que eles fizeram do romance de Sue não permite aceitar aquele traço identificado por Umberto Eco (1970) como “estrutura de consolação”. Nos três exemplos citados, a imitação revela um procedimento intertextual e, ao mesmo tempo, faz da literatura um discurso reflexivo para discutir os problemas enfrentados pelas jovens nações.

Particularmente em sistemas literários não hegemônicos, como é o caso da Argentina e do Uruguai na primeira década do século XIX, o emprego da estratégia de “apropriação” do modelo narrativo d’*Os mistérios de Paris* parece deslocar a

irreconciliável oposição entre o original e a escrita imitativa. Não se trata de postular que os romances sobre os mistérios no Prata sejam inferiores no seu aspecto formal, ou que atestem as incompletudes que justificariam a tese amplamente divulgada acerca das “ideias fora do lugar”. Pelo contrário, parece ser necessário sublinhar que as peculiaridades encontradas na série aqui destacada resultam também das próprias condições de possibilidade de sua escrita.

Conforme observou Elisa Martí-López (2002, p.10-11), ao estudar a recepção d’*Os mistérios de Paris* na Espanha, o termo apropriação “reconhece os processos de empréstimos literários e analisa a ascendência cultural como uma influência profunda e produtiva capaz de gerar um desenvolvimento mais criativo do discurso do outro em um novo contexto e sob novas condições”. Nesse sentido, o seu argumento parece oferecer uma instigante chave para a compreensão do fenômeno “misterio-mania”. Se, por um lado, a ação de editores, livreiros e publicistas contribuiu para a promoção e a disseminação desse novo gênero que também se tornaria hegemônico na região do Prata, por outro lado, sua incidência e saturação determinaram os hábitos e as expectativas de seus leitores. Portanto, a tradução e a imitação integram positivamente essa nova experiência formativa que contribuiu para forjar a inserção de candidatos à carreira de escritores.

REFERÊNCIAS

- AREA, Lelia. *Una biblioteca para leer la Nación. Lecturas de la figura Juan Manuel de Rosas*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2006.
- BATTICUORE, Graciela. *La mujer romántica. Lectoras, autoras y escritores en la Argentina: 1830-1870*. Buenos Aires: Edhasa, 2005.
- BOSCQ, Marie-Claire. La France et les échanges transatlantiques au XIXe siècle. In: ABREU, Márcia; DEACTO, Marisa M. *La circulation transnationale des imprimés – Connexions*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Secteur des Publications, 2014. p. 43-54.
- ECO, Umberto. Retórica e ideologia em *Os Mistérios de Paris* de Eugène Sue. In: *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FURLONG CARDIFF, Guillermo. *Historia y bibliografía de las primeras imprentas rioplatenses, 1700-1850*. Buenos Aires: Guarania, 1953.
- HELLEMANS, Jacques. O comércio internacional da livraria belga no século XIX. O caso das reimpressões (1815-1854). *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE)*, Cotia, n.1, p.90, 2011.
- HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, 01de janeiro de 1852, p.1.

- LUKACS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- LYONS, Martyn. Le contrefaçons belges. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*. Paris: Fayard/Cercle de la Librairie, 1990. v.3., p.321-322.
- MARTÍ-LÓPEZ, Elisa. *Borrowed words. Translation, imitation, and the making of the Nineteenth-Century novel in Spain*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2002.
- MOLLIER, Jean-Yves. *O camelo. Figura emblemática na comunicação entre os homens*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ORIBE, Emilio. *Rapsodia bárbara*. Montevideo, Intendencia Municipal de Cerro Largo/ Banda Oriental, 1993, p.21. (Edición crítica, advertencia y cronología de Pablo Rocca). [primeira edição: Montevideo, 1953].
- PARADA, Alejandro. Lugares y horizontes del libro y de la lectura en el Buenos Aires de 1820 a 1829. In: *Cuando los lectores nos sussuran*. Buenos Aires: INIBI/Universidad de Buenos Aires, 2007. p. 85-112.
- PIERINI, Margarita. Historia, folletín e ideología en *Los misterios del Plata* de Juana Manso. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, v. 50, n. 2, p. 457-488, jul.-dic. 2002.
- RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viaje a Francia*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2004.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les Mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p.610, 2010.
- VODICKA, Felix. A história da repercussão das obras literárias. In: TOLEDO, Dionísio (Org.). *Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.

SOBRE O AUTOR

Nelson Schapochnik é graduado em História (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), com Mestrado e Doutorado em História Social (Universidade de São Paulo). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Já lecionou na Universidade Estadual de Londrina, Universidade Estadual Paulista, foi professor visitante na Universidade de Lisboa (Portugal) e na Universidad de la Republica (Uruguai). É pesquisador da história do livro, da leitura, da edição e das bibliotecas. É professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo desde 2001.

E-mail: nschapo@uol.com.br.